



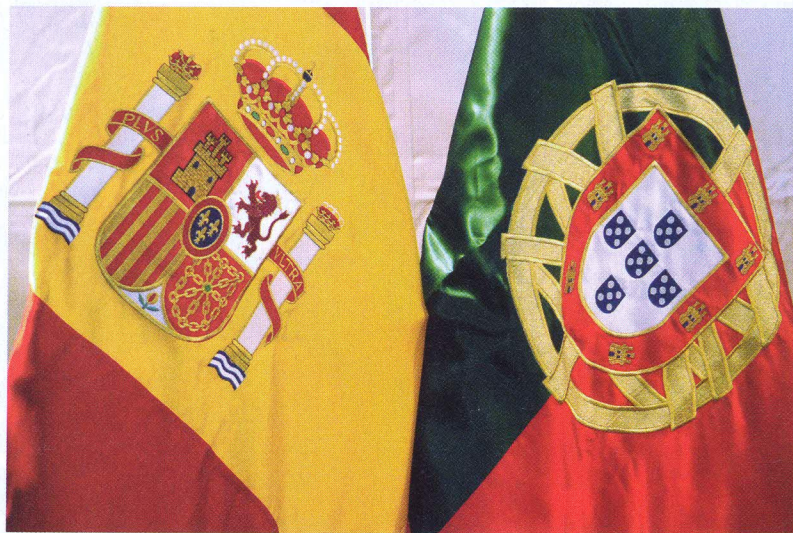
Pensar o impensável

Durão Barroso, nas raras vezes em que a densa nuvem do diretório lhe permite erguer a voz, tem clamado pelo federalismo europeu. Dirigentes iconográficos da França e da Bélgica, respetivamente, Daniel Cohn-Bendit e Guy Verhofstadt escreveram um manifesto poderoso a defender a união política. Os principais analistas dos mercados chamam a atenção para que a raiz da atual política de austeridade está fundada em doutrinas monetaristas que, neste momento, não têm nenhuma relação com as dinâmicas do real. Apenas com os preconceitos de uma casta de economistas e políticos que procura recalcar as suas responsabilidades no monstro em que a União Económica e Monetária (UEM) se transformou.

O autor destas linhas já defendia o federalismo europeu, mesmo antes da adesão de Portugal à CEE. Contudo, uma coisa é aquilo que sabemos que seria o caminho e a estratégia adequados, outra coisa é aquilo que, com muita probabilidade, irá acontecer. Com muita pena minha, neste momento, acredito que só um milagre nos separa da desagregação da Zona Euro e da União Europeia, com o seu oceano de calamidades.

À sombra do vulcão – A possibilidade de colapso europeu aumentou quando a Alemanha começou a acumular demasiado espaço de manobra. A França recolheu-se na mediocridade (Hollande é tão lamentável como Sarkozy). A Grã-Bretanha escolheu um adolescente perpétuo para a governar. O golpe decisivo ocorreu quando a chanceler Merkel sabotou a união bancária e o SPD escolheu um clone masculino da chanceler, Peer Steinbrück, para enfrentar Merkel nas eleições de 2013.

A continuidade de Portugal exige que a Ibéria seja uma região de paz, um mercado aberto e uma união política. É uma questão vital



O paradoxo é que só a Alemanha teria capacidade de liderar uma saída federal para a crise. Mas já se percebeu que Berlim não vai mexer um dedo. E, infelizmente, nenhuma coligação de Estados que obrigue Berlim a escolher entre mudar de política ou sair do euro parece realista. Por ironia, Mario Monti, o único líder com visão e coragem, está desprovido de legitimidade eleitoral. A Alemanha não tem emenda. Pela terceira vez, vai provar, tragicamente, a sua incompetência para liderar a Europa. Chegou atrasada ao Estado-Nação, destruiu duas vezes o sistema internacional quando quis tentar a sua sorte imperial. E vai rebentar com a União Europeia, por querer estabilizar uma UEM que se tornou num vulcão à beira da erupção.

A viabilidade do federalismo é mínima. Se assim não fosse, se os povos europeus na rua tivessem consciência do que está em causa, as manifestações não deixariam de contemplar as embaixadas da Alemanha, no seu percurso de protesto.

O regresso à balança do poder – Daria tudo para não ter razão, mas a Europa que aí vem poderá ser extraordinariamente mais pobre. A banca em muitos países será nacionalizada. A inflação subirá vertiginosamente. Os países e unidades políticas

que resultarem da implosão europeia ficarão mergulhados em querelas motivadas por dívidas de cobrança difícil. O comércio diminuirá brutalmente. O abastecimento das populações, para impedir que a fome se torne mortífera, não poderá ser deixado só ao mercado. O racionamento e uma espécie de «economia de guerra» voltarão, provavelmente por muito tempo.

Ninguém sabe qual será a nova geografia política do Atlântico aos Urais. Mas vai ser muito conveniente dispor de forças armadas e corpos de polícia operacionais. Portugal terá de reconstruir a sua estratégia nacional. Num mundo onde a desagregação da Europa será, provavelmente, o prefácio para um recuo brusco da globalização, abrindo o caminho ao protecionismo e à predominância do regionalismo sobre o globalismo.

Contudo, uma coisa é certa. Portugal não pode permitir que a Península Ibérica entre na convulsão e no caos. A continuidade existencial de Portugal exige que a Ibéria seja uma região de paz. Um mercado aberto e uma união política. Não se trata de uma escolha, mas de uma questão de vital. Preparemo-nos para o pior, sem deixar de lutar para que o milagre federal nos salve de um inferno, cada vez mais provável. ▣